

**RAZÕES PLÁSTICAS:
das contribuições de Gregory Bateson para uma teoria da ação¹**

***PLASTIC REASONS:
towards a theory of action from contributions of Gregory Bateson***

Carusa Gabriela Biliatto
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A contribuição de Bateson para uma teoria da ação possui várias fontes, todavia, tematizo aqui uma delas: a relação entre angústia e ação. Já a partir de *Naven*, o autor fornece ferramentas para pensar a variável afetiva na relação estrutura/ação – da esfera epistemológica à ontológica. Sugiro que a sistemática da coerência interna ao pensamento do autor pode ser lida como uma filosofia sobre a relação ordem/ação. Por outro lado, procuro a sociologia contida nessa filosofia e interpreto que é uma sociologia da mudança social. Bateson nos ajuda a ver que as *dobradiças da experiência* sintetizam medidas potenciais de mudança, pois a formalidade própria da experiência estrutura-se numa transformativa reflexividade plástica.

Palavras-chave: Gregory Bateson, teoria antropológica, razão, teoria da ação.

Abstract

Bateson's contribution to a theory of action has several sources, yet, theming one of them: the relationship between anguish and action. Already from *Naven*, the author provides tools to think about the affective variable in the structure/action relation – the epistemological to the ontological sphere. Suggesting that the systematic of the internal coherency to the thought of author can be read as a philosophy about the relation to order/action. On the other hand, searching for sociology contained in this philosophy and interpreting what is the sociology of the social change. Bateson help us to see that the 'hinges of experience' synthesize potential measures of change, because the formality of the experience itself is structured in a plastic transformative reflexivity.

Keywords: Gregory Bateson, anthropological theory, reason, theory of action.

1 A primeira versão deste texto foi apresentada em setembro de 2013, no Seminário Temático “Teoria Social no limite: novas frentes/fronteiras da Teoria Social” do 37º Encontro Anual da ANPOCS. Agradeço à Leila Jeolás e à Martha Ramirez-Gálvez pela leitura cuidadosa e pelas contribuições para, respectivamente, a primeira e a segunda versão deste texto.

É como se fosse necessário que primeiro um pedaço da existência ruísse, para esta se tornar tão sem resistência às correntes e forças que vêm de todas as direções da realidade. Talvez seja esta a sedução da queda, da decadência: ir além de seu mero lado negativo, de seu mero estado rebaixado.

Simmel, *A ruína*

Essa questão da localização da informação endemoninhou a teoria da comunicação [...]. Tudo o que não é informação, nem redundância, nem forma e nem restrição - é ruído, que é a única fonte possível de *novos padrões*.

Bateson, *Steps to an ecology of mind*, grifo do autor

A partir de pesquisa etnográfica, iniciada em 2005, trabalho sobre a construção da ideia de negatividade como categoria da experiência cotidiana. Trata-se de trabalhar com a teoria da ação em relação à negatividade assim considerada. No contexto dessa pesquisa, no presente artigo pretende-se desenvolver a noção de “reflexividade plástica”, oriunda de uma inquietação sobre as respostas de muitos dos interlocutores às ardilosas determinações das contradições da desigualdade em oposição a seus projetos de vida.

O caminho pelo qual cheguei ao presente exercício pode ser sumarizado nas seguintes considerações. Se, nos termos de Bourdieu, a matemática das regras do espaço social, se a continuidade da reprodução das desigualdades na sociedade de classe, impedia os interlocutores de pesquisa de seguir por um caminho desejado, tido como ideal, por outro lado, os interlocutores “torciam” o caminho do possível de forma a equacionar o campo de possibilidades no espaço social, fazendo-o portar, deste modo, uma medida inexorável daquele ideal desejado. Pareciam respostas plásticas. Diante disso, põe-se a questão: tal reflexividade plástica é também operada na prática minúscula, granular, dos posicionamentos infinitesimais nos campos da ação cotidiana em geral? Sobretudo, e em particular, dirijo aqui a pergunta aos posicionamentos em situações nas quais os termos da experiência se colocam por meio da relação entre ação e angústia.

A etnografia componente da pesquisa de mestrado em Antropologia Social – intitulada *A morte e seu duplo: micropolítica das emoções no II Festival Woodgothic* (UFPR, 2012) – foi realizada com interlocutores pós-punks, jovens, oriundos de camadas empobrecidas da sociedade. Nos fazeres artísticos etnografados, sobretudo musicais, interpretei as recorrentes metáforas da morte e do sofrimento como processo de tomada de uma categoria da

experiência cotidiana, qual seja, a negatividade, posicionada, então, no lugar de modalidade específica de conversação interna (Archer, 3003) em relação ao cotidiano dos interlocutores de pesquisa. Estes, por sua vez, transformam tal conversação interna em matéria-prima para um exercício de reflexividade sobre exclusão, desigualdade e juventude sob a forma de linguagem artística – principalmente música e poesia, mas também artes plásticas e histórias em quadrinhos compuseram o II Festival Woodgothic. Analiso que a indicada modalidade de conversação interna, trasladada à formalidade da linguagem artística, constitui, inclusive, uma maneira de elaborar a leitura das regras do espaço social no qual os interlocutores se localizam. A partir dessa elaboração, tentam clarear as regras do jogo em relação ao qual necessitam construir estratégias de combate, de ação, de resposta às determinações da desigualdade que incidem sobre os seus projetos de vida. Isto é, de combate às determinações da ardilosa desigualdade social em relação ao alto grau de vulnerabilidade de suas possibilidades no espaço social. Este foi, portanto, o plano de fundo do caminho percorrido pelo exercício de mediação entre dados etnográficos e teoria social no percurso para chegar às considerações e questões indicadas e que proponho desenvolver neste artigo.

Para o presente artigo, retornarei a alguns dados da pesquisa etnográfica entre músicos *punks* e pós-*punks*, mediando minha interpretação por um objetivo preciso, qual seja, analisar as regularidades da relação entre angústia e ação, uma vez que os fazeres artísticos produzidos pelos interlocutores de pesquisa tomam experiências de sofrimento como unidade elementar de matéria-prima. Nos termos de Umberto Eco (2007, p. 426-436), poderíamos localizar tais fazeres artísticos na tradição das artes do Feio, da deformação e da composição de si no espelho da angústia. Com efeito, neste contexto etnográfico, a recorrência da relação entre angústia e ação deixa-se interpretar por várias entradas. Proponho-me aqui, precisamente, a apresentar algumas reflexões a partir das contribuições de Gregory Bateson para uma teoria da ação, tendo como fio condutor o intercurso da relação entre angústia e ação, particularmente, desde o registro das leituras das regras do espaço social como condição de possibilidade para produção de respostas às determinações das contradições da desigualdade sobre os projetos de vida por parte desses interlocutores.

Considerando a relação sofrimento/angústia-ação, por sua vez, a presente reflexão é animada pela possibilidade de tomar como hipótese de trabalho uma relação de homologia entre ‘angústia’ (em relação à ação) e ‘ruído’ (em relação à comunicação) – “noise, the only possible source of *new patterns*” (Bateson, 2000, p. 416, grifo do autor)². Com efeito, seria possível

2 Cf. *supra*, epígrafe.

considerar a angústia³ o ruído do pensamento e da ação. Ou seja, em seu fim último, seria esta uma hipótese que permitiria emprestar inteligibilidade antropológica a uma medida emergente de transformação potencial presente na relação entre angústia e ação, desde as contribuições de um modelo explicativo apreendido na obra de Bateson.

Bateson procede por espirais de sínteses cujas curvaturas são mediadas por homologias entre campos operatórios opostos e complementares, pois oriundos, por um lado, do vivido e, por outro lado, do pensado. Por esse caminho, inclusive, talvez seja possível interpretar uma medida emergente de transformação potencial na experiência de “tornar-se [...] sem resistência às correntes e forças que vêm de todas as direções da realidade”, como dizia Simmel (2005, p. 142)⁴.

O caminho que percorro para lidar com as interrogações apontadas é aquele de uma teoria da ação, cujas sugestões de procedimentos podem

3 “[...] sentimento que temos quando a função simbólica, longe de ser gratificada pela solução imprevista de um problema ao qual estava disposta a se dedicar com afinco, sente-se como que coagida pela necessidade, que as circunstâncias tornam vital, a operar entre campos operatórios ou semânticos, rapidamente, uma síntese cujos meios lhe escapam. E isso tanto para enfrentar a ameaça iminente de uma agressão como para restabelecer o equilíbrio de um sistema de vida que o desaparecimento de um ente querido, que nele tinha um papel insubstituível, destruiu. Em vez de um trajeto teoricamente laborioso ser evitado pelo atalho do cômico, nesses casos é a incapacidade de conceber um atalho que provoca aquela espécie de paralisia dolorosa, pressionando um espírito aterrorizado diante das dificuldades do trajeto que as vicissitudes da existência lhe impõem e das provações que cada etapa lhe reserva. A fisiologia confirma indiretamente essa interpretação. Com efeito, as neuroses ditas de ansiedade são acompanhadas de uma dose aumentada de derivados do ácido láctico no sangue (Pitts, 1969) e sabe-se que a produção de ácido láctico normalmente resulta do esforço muscular, de que o esforço simbólico exigido até o limite de suas forças, poderia ser o equivalente no âmbito da vida do espírito. Em linguagem de afetividade, a ansiedade seria, assim, a expressão de um estado de obstrução fisiológica que interfere no cálcio que transmite os impulsos nervosos e os paralisa, estado que seria induzido no corpo em razão de uma homologia entre as conjunturas moral e física. Quando essa obstrução resulta de um esforço mecânico demasiado intenso, traduz-se na linguagem da sensibilidade em câimbras e contrações musculares, de que a angústia, repuxando as vísceras, oferece o equivalente na forma de metáfora encarnada.” (Lévi-Strauss, 2011, p. 634-635). E mais à frente: “É verdade que são observados nos animais estados talvez comparáveis à angústia, e que a experiência interna nos revela nelas algo de bestial a ponto de nenhuma outra ocorrência ser mais capaz do que a angústia de, alguém da condição humana, nos religar à experiência vivia de nossa natureza animal de origem (Lévi-Strauss, 2011, p. 657)

4 Cf. *supra*, epígrafe.

ser apreendidas nos estudos que Gregory Bateson empreendeu sobre a deuteroprendizagem⁵.

Por fim, almejo demonstrar de que modo categorias empíricas como as de angústia e ação, definíveis com precisão sempre a partir do ponto de vista de uma localização precisa no espaço social, podem, então, servir como ferramentas conceituais para isolar noções abstratas e encadeá-las em proposições que, por sua vez, nos permitem construir ferramentas analíticas eficazes na produção de inteligibilidade antropológica sobre direções da realidade homólogas ao “ruído”, nos termos de Bateson, portanto, forma de padrões de ação portadores de uma medida de transformação na direção da diminuição da reificação de si, por falta de termo melhor.

Entre os interlocutores de pesquisa com os quais trabalhei, oriundos de camadas empobrecidas, existe uma alta medida de valorização do consumo de bens da cultura livresca, das artes de museu, da cultura escrita acadêmica e, principalmente, de produções artísticas consideradas marginais, malditas, pouco-comerciais (designadas por eles pelo termo *underground* em oposição a *mainstream*). Por sua vez, o tipo de produto cultural indicado porta uma medida de elitização. Para ter acesso ao conhecimento das vanguardas malditas, por exemplo, um Lautréamont, um Antonin Artaud, é necessário algum acesso à escolarização; é preciso poder consumir esclarecimento livresco (Certeau, 2009; Chartier, 1990 e 2001). Antes e além de envolver a aquisição de livros, é preciso saber que eles existem para, então, perguntar a alguém ou procurar na *Web* ou onde quer que seja; e, para saber que existe, por sua vez, é necessário acesso a informações que não estão disponíveis

5 “[...] estamos falando de mensagens, de metamensagens e de metametamensagens; e o que chamei de deuteroprendizagem poderia perfeitamente ser chamado de metaaprendizagem.” (Bateson, 2008, p. 322). Para clarificar, acrescento que, “dentro del concepto de ‘aprendizaje Bateson hacía entrar todos aquellos hechos en que un sistema responde a algum estímulo exterior, incluso como ejemplo de un caso límite en que el sistema se ajusta pero permanece sin cambiar (por ejemplo, el regulador de un termostato en respuesta a la descendente temperatura de una casa: aprendizaje zero), pero el término se reserva principalmente para designar aquellos en que el sistema se modifica en respuesta a la información recibida. De esta manera, el concepto se convierte en un concepto muy general que abarca las ideas de adaptación, formación de carácter, hábito, aclimatación, adicción, etc., así como las más familiares formas de aprendizaje; el aprendizaje puede pues referirse a diferentes tipos lógicos. Especialmente el aprendizaje en el que la capacidad de aprender del sistema se modifica (‘deuteroprendizaje’) es designado como aprendizaje II, el cual es de un tipo lógico superior a aquel del aprendizaje en que el organismo es modificado sin presentar un alteración en la capacidad de aprendizaje.” (Bateson; Bateson, 1994, p. 204).

facilmente, mas são suficientemente elitizadas para, peremptoriamente, impedir o acesso das camadas mais empobrecidas e localizadas no espaço social em posição distante do acesso. Nesse quadro, se a posição no espaço social, ocupada por esses interlocutores, corresponde à razão inversa do acesso aos referidos produtos culturais, então, como é elaborado o acesso que permitiria consumir tais graus do esclarecimento livresco?

Desde bairros designados por eles como “extrema periferia” da cidade de São Paulo, buscam e fazem músicas que consideram que “faz pensar”. Quando dizem “faz pensar”, estão dizendo “que faz não ser enganado pela televisão”, “que faz não ser enganado pelo ‘sistema’”. Além disso, “que emociona”, “que fala ao estado de espírito de si”. No caso deles, principalmente músicas do *punk rock* e do *pós-punk rock*. O vínculo profundo (músicos e músicas considerados como inspiração para vida) e fanático (superespecialistas na matéria *punk*, *pós-punk* e categorias coadjuvantes do universo musical e das artes em geral) com produtos que “fazem pensar” (músicas, revistas, todo o arsenal de materiais *punk* e *pós-punk*) é narrado como um modo de postura crítica; e é, ao mesmo tempo, um posicionamento de distinção em relação ao lugar no espaço social, distante do acesso aos graus acadêmicos da escolarização, do qual são oriundos.

Não obstante, em tal contexto de predominante baixo acesso ao esclarecimento livresco acadêmico, eles elaboram a inserção e vivência no mundo *punk* e *pós-punk* como “o *punk* formou muita gente”. Isso quer dizer “o fenômeno *punk*, para além de exclusivamente musical, formou” significando “ensinou” e, aprofundando mais o sentido, “ensinou a viver”. E, simultaneamente, introduziu no mundo do esclarecimento livresco. Interpreto esse “formou muita gente” como o ato de conferir instrumentos para leitura das regras do espaço social em relação ao qual necessitavam produzir resposta contra as ardilosas contradições da desigualdade sobre seus projetos de vida. Formou, pois, um ponto de vista. Nos termos de Baudelaire, configuram-se pequenas “novas espécies de aristocracia” (Baudelaire, 1988, p. 196): a aristocracia dos que não são enganados pela televisão. Mas vamos com calma.

Quando eles se ocupam em maldizer a mídia televisiva hegemônica, todos os produtos culturais classificados como *mainstream* e o que designam por ‘sistema’, estão fazendo uma *performance* da posse de esclarecimento não só livresco, mas daquilo que julgam ser uma humanidade menos vilipendiada pela reificação de si; uma vez que, seu contrário, corresponderia a deixar-se sob o que consideram a colonização capital de uma medida inegociável de si. Qual medida? Aquela pela qual mais se sentem vivos. Para mim, examinar o referido vínculo entre música e poesia, que é narrado sob a chancela do “faz pensar”, foi uma pista para perseguir a possibilidade de compreender

o modo de reflexividade ali operante; uma pista para acessar o código da produção de saber interno ao modo como os interlocutores formulam a questão da medida de emancipação na relação estrutura/ação.

Um dos interlocutores, Sérgio Eduardo Affinito⁶, narra seu gosto por poesia. Pensou em seguir carreira acadêmica na área de literatura. Entretanto, necessitava de um emprego rápido, precisava fazer dinheiro rápido para pagar a manutenção da vida no mundo. Órfão (abandonado por mãe e pai), fugiu de um orfanato em Brasília, viveu na rua, aos onze anos de idade, por cerca de vinte dias.

Eu morei nas ruas aos 11. Quando fugi do Orfanato fazenda (Centro Especial da Salvação)... que era do Governo (Funabem, mais tarde Febem), administrado em conjunto pela Aeronáutica (por um curto período) e iniciativa privada. Fui para o Orfanato aos 7! Vim para São Paulo quando tinha 13 anos, após reencontrar minha mãe, que morava aqui. Ela, após conseguir certa “estabilidade” financeira, foi ao encontro dos filhos (tenho 2 irmãs e um irmão menores).

Foi adotado entre os onze anos e treze anos de idade. Tem boas lembranças da família adotiva. Logo que pode, foi sozinho para a cidade de São Paulo e, estando lá, aos treze anos de idade, havia a necessidade de procurar trabalho. Retrospectivamente, Affinito relata que a saída encontrada foi cancelar a ideia de carreira acadêmica e fazer um curso profissionalizante na área de informática, pois julgou que, naquela época (hoje tem 38 anos), esse seria um campo de trabalho que oferece facilidade para empregabilidade. Conseguiu emprego, estabilizou as condições materiais de sobrevivência. Contudo, via-se em um tipo de emprego de força de trabalho que não o agradava ao ponto da insuportabilidade. Narra que o desejo de estar mais perto dos livros fez com que deixasse o emprego na área da informática e fosse trabalhar como vendedor de livros. Primeiro na empresa Livraria Cultura e FNAC e, atualmente, em um sebo.

Fui trabalhar no Sebo, não por conta de retorno financeiro, mas por qualidade de vida. (Na Fnac e [Livraria] Cultura, trabalha aos finais de semana. E, juntando à área de informática: foram 8 anos sem um final de semana decente.) Isso é mais importante que dinheiro.

Segundo narra, o sebo oferece um retorno financeiro melhor, todavia, o decisivo recai sobre a qualidade de vida proporcionada. Ele

6 Nome exposto com prévia autorização do interlocutor de pesquisa após a leitura do presente texto.

interpreta que essa foi uma saída para ficar perto do que mais gosta. Em sua procura por se aproximar do que o faz sentir-se mais vivo, o emprego de livreiro foi uma solução encontrada. Em paralelo, lê avidamente e pesquisa com métodos próprios autores de literatura maldita, surrealista, fantástica, de terror e afins. No ano de 2013, publicou um livro de poemas no qual um dos personagens recorrentes é um “Lúcifer trabalhador de canavial”, e cuja epígrafe é uma passagem de Álvares de Azevedo, em *Macário*, em que se lê: “parece que no coração humano há um instinto que o leva à dor como o corvo ao cadáver”.

Vicente⁷ narra percurso semelhante. Gostava de literatura, todavia, necessitava prover as necessidades materiais da família (mãe e duas irmãs, não havia pai). A saída encontrada foi também se profissionalizar na área de informática, mediante curso técnico de curta duração, objetivando obter retorno empregatício e financeiro rápido. Seguiu nesse campo de trabalho, cursou novas habilitações e continua até hoje (está com 37 anos). Contudo, narra com prazer o fato de que não se afastou da proximidade desejada com a poesia, e diz com delicada ênfase que “traduz matemática em poesia” na conversa com amigos. A matemática da informática em poesia. Sempre lê muito nas mesmas áreas que Sérgio, o interlocutor referido acima. Para ambos, a proximidade com o *ethos punk* e pós-*punk* foi um catalisador de todos esses interesses no campo das artes, sobretudo, por produtos das artes malditas e das artes do Feio (Eco, 2007).

Interpreto que a razão plástica interveniente na prontidão, oximoro da relação estrutura/ação, tanto numa fração de segundo quanto na temporalidade da elaboração de um dossiê de probabilidades sobre as possibilidades para um projeto de vida, conforma a experiência de plasticizar a participação no mundo, estrutura a reflexividade sensível de que a vida jamais foi a fiel depositária de ação alguma. Ao contrário. Compreenderíamos então a dimensão potencial do ruído como devir sensível, como fonte de novos padrões, lá onde a angústia abissal⁸ coloca-nos nos estertores da ação.

7 Nome fantasia para preservar de exposição o interlocutor.

8 “Quem, no seio de certas angústias, no âmago de alguns sonhos não conheceu a morte como sensação que despedaça e é maravilhosa, que se não pode confundir com nada na lei do espírito? Só tendo conhecido essa aspirante maré de angústia de ondas que aparecem a bater-nos e fazem inchar como accionadas por insuportável bofetada. A angústia que chega e se afasta cada vez mais espessa, cada vez mais pesada e farta. É o próprio corpo no limite de distensão e forças e que assim mesmo deve chegar mais longe” (Artaud, 1987, p. 9).

Lá onde até os anjos temem pisar: teoria da ação no mundo vivo

“Lá onde até os anjos temem pisar” seria o outro nome para o livro que Gregory Bateson escrevia no momento de sua morte, nos conta Mary Catherine Bateson, filha do autor. Por “Lá onde até os anjos temem pisar”, em termos sistêmicos, Gregory Bateson refere-se à relação entre angústia e ação. Isto é, a angústia como a experiência na qual a ação de um organismo vivo está posicionada, tipicamente, sobre o vazio de seu estatuto de existência. Consequentemente, na experiência de angústia está localizado um espaço analítico específico para produção de inteligibilidade sobre a relação estrutura/ação. Se ao invés de dizermos nos termos das questões-matriz das Ciências Sociais o fizemos desde as questões-matriz da Filosofia, substituiríamos “a relação estrutura/ação” por “o estar no mundo”, ou seja, o problema eterno da Filosofia ocidental. Não obstante, desde a Antropologia, lá onde até os anjos temem pisar trata do terreno no qual a matéria viva vê-se mortificada pela diminuição radical de sua potencial capacidade de responder à diferença, ou seja, de seu plasticizar “o estar no mundo” pelo temor da “relação estrutura/ação”, isto é, pela ação transformativa oriunda da negatividade ontologicamente posicionada na justaposição entre experiência e ação. Nesses termos, o objetivo do presente artigo consiste no esboço das categorias componentes de uma “razão plástica”, produtora de reflexividade sobre a ação, na experiência de seu radical oposto, em termos sistêmicos, a angústia.

Segundo Mary Catherine Bateson, o livro no qual seu pai trabalhava no momento de sua morte – *Angels fear: Towards An Epistemology Of The Sacred* –, abordava um conjunto de problemas que deveria ser tratado para poder chegar a uma teoria da ação no mundo vivo (Bateson; Bateson, 1994, p. 22). Para Bateson, mundo vivo é o mundo do processo mental. E, preliminarmente,

En realidad, cuando hay *información* o *comparación* hay para mi un proceso mental. La información puede definirse como *una diferencia que hace una diferencia*. Un órgano sensorial es un órgano que compara, es un dispositivo que responde a la diferencia. Desde luego, el órgano sensorial es material, pero es su *condición de responder a la diferencia* lo que nos permite distinguir su funcionamiento como ‘mental’. De la misma manera, la tinta que está sobre esta página es material, pero la tinta no es mi pensamiento. Hasta en el nivel más elemental, la tinta no es ni señal ni mensaje. La diferencia entre el papel y la tinta es la señal. [...] La piedra es afectada por ‘fuerzas’ o ‘impactos’ pero no por las diferencias (Bateson; Bateson, 1994, p. 30, grifos do autor).

Para o entendimento da noção de “ação no mundo vivo”, faz-se necessário cercarmos essa ideia mediante um breve rastreamento de sua construção no interior da obra de Gregory Bateson. Por isso, a seguir, retrocederemos até a primeira publicação em livro do autor, *Naven* ([1936] 1958), objetivando pinçar apenas um elemento que acompanhou todo o percurso que converge para a indicada noção de “ação”.

Nesse quadro, observamos que na segunda edição de *Naven*, publicada em 1958, Bateson acrescentou um segundo epílogo. Isso porque, se, por um lado, o autor considerava que “*Naven* foi um estudo sobre a natureza da explicação” (Bateson, 2008, p. 312), por outro lado, o segundo epílogo teve por tema “o problema geral da continuidade do processo e da descontinuidade dos produtos do processo” (Bateson, 2008, p. 322), assim, compreenderíamos mais claramente o propósito do segundo epílogo. Em primeiro lugar, no sistema do conceito de “cismogênese”⁹ são introduzidas a noção de *feed-back* negativo e a noção de “deuteroaprendizagem”. Em segundo lugar, por meio da noção de deuteroaprendizagem, Bateson objetivou corrigir o que ele considerava o maior erro da formulação anterior do conceito: cismogênese agora ganha uma dimensão diacrônica, a historicidade do agente. Em terceiro lugar, por meio da noção de *feed-back* negativo, é possível pensar a retroalimentação do equilíbrio dinâmico de uma relação entre organismos vivos.

Conforme explicitado no epílogo da edição de 1936, o autor considerava já insatisfatória a suposição de que a mistura dos dois tipos de cismogênese seria a condição de possibilidade para a manutenção dinâmica do processo da relação de interação. Exemplo da insatisfação mencionada é

9 “Definirei cismogênese como *um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual, resultante da interação cumulativa dos indivíduos.*” (Bateson, 2008, p. 223, grifos do autor). O autor distingue dois tipos de cismogênese: a complementar e a simétrica. Sumariamente, podem ser apresentadas como segue. Na primeira, o padrão de comportamento dos termos da relação produz contraste. Por exemplo, de um lado, submissão e, de outro, asserção. Nesse processo, potencialmente, a resposta submissa de A encoraja mais asserção de B, e assim o contraste na relação tende a progredir até a destruição da relação. Na cismogênese simétrica, o padrão de comportamento dos termos produz competição. Por exemplo, enquanto C responde com bazófia, D responde com mais bazófia. Nesse processo, potencialmente, a relação competitiva tende a progredir até a destruição da relação. O autor aponta que a medida da mistura dos dois tipos de cismogênese em um mesmo relacionamento, talvez, controlasse a produção de um equilíbrio dinâmico na relação, impedindo, portanto, sua explosão. Mediante o equilíbrio dinâmico da relação, seria produzida a continuidade do processo através, não obstante, das descontinuidades das mudanças operadas no e pelo mesmo processo.

o fato de que uma das questões formuladas pelo autor em 1936 foi: como é exatamente realizada, no pontual momento exigido, a ação contrária exata necessária para que o comportamento da relação não se destrua por entropia? A constatação de que os dois tipos de cismogênese estão presentes em uma relação cismogênica, portanto, não resolveria a questão de como se dá a relação entre a atuação da cismogênese complementar e a da cismogênese simétrica. Isto é, como se desenvolve a metarrelação entre ação e experiência.

Para trabalhar no aperfeiçoamento da construção teórica que responda à interrogação colocada no parágrafo acima, Bateson partiu do fato de que o *feed-back* negativo é a retroalimentação do circuito. Em consequência, na medida em que o nível de diferenciação dos termos (ocasionada pela intensidade crescente da especialização, por parte de cada termo em seu respectivo padrão de comportamento) progride em direção à destruição da relação por entropia, o grau de especialização de um dos termos diminui (ou seja, um dos termos atua contrariamente ao seu padrão de comportamento cismogênico). Desse modo, por meio de uma medida de descontinuidade, o circuito pode se estabilizar e continuar, a partir daí, a funcionar (ao invés de destruir-se por entropia). Todavia, caso o *feed-back* negativo não ocorra, a diferenciação progressiva crescerá em direção à explosão da relação por entropia. Nesse quadro, fazer intervir o *feed-back* negativo é função da sensibilidade dos termos com referência à relação. Melhor dito: é função da consciência afetiva formalizada nas categorias de percepção e de apreciação como princípios organizadores da ação e da experiência. A mencionada sensibilidade dos termos, isto é, o princípio de classificação como operador prático, é o resultado da deuteroaprendizagem.

Por este caminho, entrevemos uma prévia da formalização da variável afetiva integrada, constitutivamente, ao princípio racional de classificação como operador prático resultante da deuteroaprendizagem. Contudo, é necessário entender tanto a variável afetiva quanto a deuteroaprendizagem dentro do que Bateson denomina “nexo etológico”. Para tal entendimento, abro o leque dessa discussão um pouco mais e inclino-o por um minuto para lançar luz sobre este ponto.

Inicialmente, em 1934, primeira redação de *Naven*, o autor propõe uma visão de sociedade organizada por meio da trama dos três níveis de abstração: o nexa sociológico, o nexa estrutural e o nexa etológico. O nexa sociológico trata das relações entre as coisas tal como estão organizadas na sociedade; os grupos e instituições classificados. O nexa estrutural trata das premissas que organizam as relações da organização considerada no nexa sociológico. O nexa etológico trata da padronização das emoções pela cultura (Bateson, 2008, p. 93-95). Para o autor, desde então,

o estudo do *ethos* é uma preliminar necessária a quaisquer conclusões a respeito das funções pragmáticas. Mas, no caso da estrutura e do *eidos*, a ordem do procedimento é inversa. Primeiro deve-se estudar os detalhes da estrutura cultural e, a partir daí, deduzir o *eidos*. Essa inversão ocorre pelo fato de que, ao estudarmos a estrutura cultural estamos interessados no aspecto cognitivo manifesto do comportamento, ao passo que, ao estudarmos as funções pragmáticas, estamos interessados no conteúdo emocional, muito mais velado. O conteúdo manifesto pode ser *descrito* peça por peça, e o sistema subjacente, deduzido da descrição resultante. Mas o significado emocional só pode ser *atribuído* após se examinar a cultura como um todo. Afora essa diferença de procedimento, as abordagens etológica e eidológica da cultura são estreitamente análogas (Bateson, 2008, p. 95, grifos do autor).

Para fechar o parêntese mediante o qual objetivei lançar luz sobre a posição do “nexo etológico”, valho-me do conceito que permite encerrar exemplarmente a irradiação do “nexo etológico” em relação aos demais nexos componentes da visão de sociedade elaborada pelo autor em 1936, conforme exposto acima. Trata-se do conceito sistêmico de “contexto”. Vejamos. Para conhecer este conceito, vamos ao último livro concluído por Bateson, *Mind and nature: A Necessary Unity* (1979), no qual o autor objetivou expor uma carta de apresentação de seu pensamento. No primeiro capítulo, desdobra o conceito de “contexto”. Sinteticamente, poderíamos dizer que, nos termos de Bateson, “contexto” é a razão sinal/ruído, conforme explicitado em seu ensaio “Redundância e codificação”¹⁰. Tal conceito, por sua vez, possibilita produzir inteligibilidade, inclusive sobre a formação da deuteroaprendizagem e a maquinaria de seu funcionamento¹¹.

Retomando a análise desde o ponto no qual abri um pouco mais o leque, fazendo, já agora, menção ao argumento principal deste artigo, explícito que, para sistematizar a noção de “razão plástica”, o ponto de partida 1) provém da formulação da noção de “ação no mundo vivo” por Gregory Bateson e 2) associa-se à noção de reflexividade formulada por Margaret Archer em *Structure, agency and de internal conversation* (2003); de tal relação de associação, por sua vez, é 3) produzida a colaboração entre

10 Cf. Bateson, 2000, p. 419.

11 O conceito de “contexto” encontra-se espalhado por sua obra. Desde “Introdução. A ciência da mente e da ordem” em *Steps to an ecology of mind*, passando por “A explicação cibernética”, “Redundância e codificação”, “Uma teoria do jogo e da fantasia”, “Um científico social examina as emoções”, “Essa história natural normativa chamada epistemologia” em *Further steps to an ecology of mind* até “A estrutura da contextura” em *Angels fear*, entre outros.

os conceitos de “razão plástica” e o conceito, formulado por Pierre Bourdieu, de “razão prática”, cujo contraste favorece a explicitação das categorias que sistematizam a ideia de razão plástica.

Por este caminho, tomo em primeiro lugar, no já citado trabalho de Archer (2003) em que é feita a exposição de quatro tipos de reflexividade examinados em pesquisa empírica, a seguinte definição que a precede:

Everyone is a reflexive being. This means that we deliberate about our circumstances in relation to ourselves and, in the light of these deliberations, we determine our own personal courses of action in society. Nevertheless we do not all exercise our reflexivity in the same way. Everyone has a domain of mental privacy from which they subjectively survey and evaluate their external circumstances, within which they savour their satisfactions or nurture their discontents, and through which they monitor their future doings. The vehicle for all of this is the internal conversation. However, the nature of our internal conversation is far from being identical and such differences exceed personal idiosyncrasies. Their varying types of internal conversation are important because they are inextricably related to different forms of deliberations and, ultimately, to the kind of *modus vivendi* which an agent seeks to establish in the world (Archer, 2003, p. 167).

Em seguida, na companhia de Bateson, leio “everyone is a reflexive being” incluindo todo organismo portador não necessariamente da condição humana, mas, antes, da condição de responder à diferença. Isso significa aproximar, por uma parte, o modo de funcionamento do que Bateson chama de “mundo do processo mental” e, por outra, a definição de Archer para reflexividade. Donde as conversações internas e suas variações seriam lidas como o veículo empírico próprio da condição humana para se inserir na condição de responder à diferença, a qual, por sua vez, é sempre localizada e produzida sob as contingências da relação (Bateson, 2006 p. 181), pertencentes ao contexto (razão sinal/ruído), nos termos de Bateson.

Por este caminho, poderíamos entrever as *dobradiças da experiência*, isto é, as contingências da relação, no movimento ocasionado pela resposta, produto da reflexividade em relação às regras do contexto. Resposta, por sua vez, signatária da razão sinal/ruído. Desta maneira, a premência ou até a urgência de uma razão plástica se coloca na medida em que é solicitada, a fim de poder responder aos termos nos quais estão postos o espaço para o exercício da reflexividade e suas, finalmente, deliberações, tornadas ação na plasticização da metarrelação entre ação e experiência. Tal plasticização poderíamos nomear “relacionalidade”. Compreenderíamos, então, porque a temporalidade mediadora da ação deixa-se server num estreitamento

progressivo entre contexto (razão sinal/ruído) e deuteroaprendizagem. Tanto mediados pelos cinco sentidos quanto, em simultâneo, por deuteroconceitos, a continuidade do processo e seus diferentes produtos ganhariam, pois, ação *no* processo da plasticização do mundo. Portanto, ser na ação, ser no mundo, em relação a quê? Em relação às categorias específicas da razão sinal/ruído.

A partir deste ponto, a ponte que leva ao debate com Bourdieu pode ser enunciada. Em *Coisas ditas* ([1987] 2004), o autor coloca que “[a]s condições para o cálculo racional praticamente nunca são dadas na prática: o tempo é contado, a informação é limitada, etc. E, no entanto, os agentes fazem, com muito mais frequência do que se agissem ao acaso, ‘a única coisa a fazer’” (Bourdieu, 2004, p. 23). Ou, ainda, quando Bourdieu, em seguida, afirma: “isso porque, abandonando-se às intuições de um ‘senso prático’ que é produto da exposição continuada a condições semelhantes àquelas em que estão colocados, eles antecipam a necessidade imanente ao fluxo do mundo.” (Bourdieu, 2004, p. 23). Ao se referir a esses imponderáveis entre o consciente e o inconsciente da ação, Bourdieu está, pois, concentrando atenção naquilo sobre o que Bateson debruçou-se para desvendar e conceituar: “a necessidade imanente ao fluxo do mundo” que, escapando às categorias da razão prática, explicitadas por Bourdieu em *O senso prático*, compõem um todo plástico distribuído, alocado na posição entre as categorias da razão prática. Nesse quadro, “a necessidade imanente do mundo” é a prontidão da razão sinal/ruído, regendo *in loco* a distribuição das categorias da razão plástica na posição entre as categorias da razão prática. Portando, regendo o manejo das categorias de apreensão e apreciação. Como princípio classificatório operador da ação, outro nome para o *senso prático* poderia ser razão plástica. Homologamente, outro nome para *razão prática* poderia ser razão ação/experiência, considerada a metarrelação sinal/ruído acima explicada. A razão plástica, por conseguinte, possui categorias específicas em relação à razão prática bourdieusiana e, dessa perspectiva, funciona como operador na necessidade imanente ao fluxo do mundo. Por fim, o conceito de razão plástica tenta construir ferramentas para a apreensão e produção de inteligibilidade antropológica sobre direções da realidade, enfocando o trabalho de explicitação das categorias específicas da razão plástica.

Uma aproximação preliminar entre uma teoria crítica da dominação nas sociedades de classe, por uma parte, e uma teoria molecular da ação, por outra, cuja confluência expresso na ideia de razão plástica. O formalismo de Bateson possibilita produzir inteligibilidade sobre a razão plástica desde suas categorias dobradiças, granulares e esfareladas da experiência e da ação. Não obstante, elas mesmas são categorias fundamentais na reprodução das relações de dominação, ainda que, simetricamente, sejam categorias primevas na direção inversa, qual seja, fazer emergir uma medida de transformação,

revelando a contrapelo a possibilidade, tecnicamente improvável, de que a transformação substitua a reprodução. A redução da desigualdade ou, quando mais não seja, então, pelo menos, a diminuição da reificação de si resultariam perceptíveis e sistematizáveis, analiticamente, pela observação da razão sinal/ruído por entre as ambiguidades e contradições da vida cotidiana.

Nesse exercício analítico, procuro demonstrar uma direção possível de desenvolvimento para o que Vandenberghe (2010, p. 66, 81-83) sugere quando argumenta que, na própria interioridade da teoria de Bourdieu, estão os elementos para trabalhar numa perspectiva mais transformacional em relação à implacável reprodução que marca sua a teoria crítica da dominação. Por exemplo, quanto à possibilidade de o *habitus* insuflar metódica e intimamente uma medida maior de abertura para a emergência de uma transformação granular na direção da redução da quasimodal e implacável reprodução das desigualdades e da dominação nas sociedades de classe. Assim, nesse percurso, mantenho no horizonte “o caminho desde uma teoria crítica da dominação até uma teoria política da emancipação, e daí para uma teoria normativa da ética” (Vandenberghe, 2010, p. 83).

Uma das entradas para uma aproximação entre Bourdieu e a reflexividade plástica discutida aqui pode encontrar seus pontos de referência ilustrados na passagem abaixo, que pertence ao livro *Razões Práticas*, mais especificamente ao capítulo “Por uma ciência das obras”:

É certo que a orientação da mudança depende do estado do sistema de possibilidades (por exemplo, estilísticas) que são oferecidas pela história e que determinam o que é possível e impossível de fazer ou de pensar em um dado momento do tempo, em um campo determinado; mas não é menos certo que ela depende também dos interesses (frequentemente ‘desinteressados’, no sentido econômico do termo) que orientam os agentes – em função de sua posição no polo dominante ou no polo dominado do campo – em direção a possibilidades mais seguras, mais estabelecidas, ou em direção aos possíveis mais originais entre aqueles que já estão socialmente constituídos, ou até em direção a possibilidades que seja preciso criar do nada (Bourdieu, 1995, p. 63).

Ao “criar do nada”, que finaliza o parágrafo, diria “criar do ruído”, nos termos de Bateson, e conforme exposto até aqui quanto à razão sinal/ruído (contexto). Em segundo lugar, observo no parágrafo citado que, ao tematizar a orientação da mudança, Bourdieu procede situando duas estruturas homólogas em relação: o “estado do sistema de possibilidades (por exemplo,

estilísticas) que são oferecidas pela história e que determinam o que é possível e impossível de fazer ou de pensar em um dado momento do tempo, em um campo determinado” e os “interesses (frequentemente ‘desinteressados’, no sentido econômico do termo) que orientam os agentes”. Em última instância, poderíamos simplificar interpretando que se trata da relação estrutura/ação nas duas estruturas homólogas indicadas. Contudo, por ora, o que importa é concentrar a atenção na segunda. Isso porque, sugiro que o formalismo de Bateson, inserido nessa entrada, poderia ajudar a construir uma crítica da razão prática na medida em que propiciaria a sistematização da estrutura das categorias da razão plástica. Essa razão plástica que, por sua vez, inclusive, “cria do nada” sistemas de possibilidades ou possibilidades internas ao mesmo sistema em seus (sistemáticos) ruídos. Portanto, sugiro uma modalidade plástica como propriedade indecomponível do sistema de possibilidades referido no parágrafo citado acima.

Retomando o que mencionei como uma das entradas pertinentes para uma aproximação entre Bourdieu e a reflexividade plástica, discutida logo acima, passando agora para um grau de abstração maior, cumpre olhar um pouco mais para as contribuições de Bateson no mencionado eixo analítico, a partir das quais sugiro que a sistemática da coerência interna ao pensamento do autor pode ser lida como uma filosofia sobre a relação ordem/ação. Por outro lado, na busca pela sociologia contida nessa filosofia, sugiro que se trata de uma sociologia da mudança social (de modo emblemático nos conceitos de cismogênese e de deuteroaprendizagem em seus desdobramentos axiológicos e políticos sobre a distribuição desigual do poder de ação), a partir do enfoque nos mecanismos de funcionamento da ação sob o signo da relacionalidade (de modo emblemático no conceito de “contexto” sintetizado como a razão sinal/ruído). Identifico, nesse enfoque, uma fonte importante das contribuições desse autor para pensarmos ferramentas conceituais de entendimento das conversações internas articuladas a uma medida de transformação – donde as cismogêneses de contexto veiculadas pelas conversações internas e tornadas ação a partir da deuteroaprendizagem como princípio classificatório e operador prático. Dessa maneira, Bateson nos ajuda a olhar como as *dobradiças da experiência*, isto é, as cismogêneses deuteroaprendidas, guardam em si potencialidades de mudança tanto moleculares quanto granulares, pois a formalidade própria da experiência (tocar o mundo por meio de categorias deuteroaprendidas) estrutura-se por uma reflexividade plástica. Daí o título deste trabalho conter a expressão “razões plásticas”, propondo, ao mesmo tempo, um diálogo com o livro *Razões práticas* de Bourdieu.

Por fim, almejo ter indicado que alguns conceitos de Bateson demonstram de forma emblemática a ligação entre o tema da reflexividade,

o tema do funcionamento da ação sob o signo da relacionalidade e, para irmos rápido, em última instância, a convergência de ambos os temas em direção à questão da medida de transformação social em relação à redução da desigualdade e da reificação de si. Nessa trilha, mantenho no horizonte uma maneira de considerar essa questão pela perspectiva inspirada por Vandenberghe (2010, p. 84):

se uma sociologia crítica pressupõe não apenas uma análise das forças da dominação social, mas também uma análise das forças sociais de emancipação, bem como a possibilidade de uma política transformativa emancipatória, então, ela também pressupõe uma ética, ou, ao menos, alguma formulação de critérios normativos de julgamentos morais e alguma indicação da ‘boa vida’.

Se consegui mostrar as contribuições de Bateson para uma teoria da ação, foi também para apostar que ela permite passar por uma política transformativa emancipatória na investigação da economia da distribuição desigual do poder de ação. Faço isso ancorada no pressuposto ontológico de que, na ação, “a sede da alma é ali onde o mundo interior e o mundo exterior se tocam. Onde eles se interpenetram, está ela em cada ponto da interpenetração” (Novalis, 1988, p. 44).

Sofrimento como metáfora da morte: a relação angústia e ação

Parafraseando a passagem extraída de Novalis, poderíamos dizer que a sede da ação é ali onde mundo interior e o mundo exterior se tocam. Onde eles se interpenetram, está a ação em cada ponto da interpenetração. Nessa trilha, e chegando ao final do presente artigo, cumpre apontar para o fato de que a ampla bibliografia no campo dos usos do significante morte situa a experiência típica do sofrimento no fato da morte de algo/alguém amado. Típica na medida em que contém em grau extremo e condensado os sentimentos de dor, angústia, aflição, desespero, torpor, intranquilidade. Em relação a essa série de sentimentos mortificantes, a experiência do sofrimento na circunstância da morte de algo/alguém amado apresenta-se, pois, como o tipo ideal. Mais precisamente, tipo ideal do fim de vínculos. Não obstante, através das ambiguidades e contradições da vida cotidiana, todos nós experimentamos circunstâncias outras que, também elas, contêm essa série de sentimentos, contudo, em graus menores de intensidade em relação ao referido tipo ideal.

Nessa gradação de intensidade, trata-se de reconhecer uma

gradação de metáforas da morte presentificadas na vida cotidiana sempre que experimentamos a finitude indesejada de um vínculo. Dessa forma, o drama da finitude humana ganha presença metafórica no cotidiano mediante a circunstância do fim indesejado de vínculos, donde a intensidade do sofrimento é simétrica à intensidade do fim indesejado (por exemplo, fim de vínculo com um projeto de vida, fim de vínculo conjugal, fim de vínculo empregatício, fim de vínculo escolar etc.). Por esse viés, sugiro que à indicada série de sentimentos mortificantes corresponde uma categoria da experiência cotidiana. Trata-se, portanto, de uma categoria da experiência cotidiana tipificada na metáfora da morte, na medida em que o sofrimento humano tem seu ponto de referência extremo na contingência da morte de algo/alguém amado – inclusive de si próprio.

Nesse quadro, o significante morte tende a constituir o completamente Outro da subjetividade produzida nos termos da razão antropológica. Isso porque a construção histórica da formação da noção de indivíduo desenvolve-se homóloga às transformações do significante morte. Depreende-se daí que o drama da finitude humana foi transformado no metadrama dessa invenção moderna, a interioridade. Logo, as metáforas da morte no cotidiano – o sofrimento – atualizam a simetria em relações formais do fato da precariedade da estadia no mundo, reforçando a realidade relacional da interioridade. Nesse caminho, um dos desdobramentos é pensar a categoria da experiência cotidiana delineada acima como localização de um espaço analítico para observação da relação estrutura/ação. Nesse sentido, nas experiências das metáforas da morte – o sofrimento – no cotidiano encontra-se, potencialmente, um espaço ontológico da relação estrutura/ação. Já agora, passando a um grau de abstração um pouco maior, poderíamos sintetizar a categoria da experiência cotidiana tipificada na metáfora na morte, nomeando-a: negatividade (Agamben, 2006).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. [1985]. **A linguagem e a morte** – um seminário sobre o lugar da negatividade. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- _____. [2002]. **Lo abierto** – el hombre y el animal. Trad. Flavia Costa e Edgard Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2007.
- ARCHER, Margaret. **Structure, agency and the internal conversation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ARTAUD, Antonin. [1929]. **A arte e a morte**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Livres Editores e Distribuidores, 1987.

- BATESON, Gregory. [1936]. **Naven**: A survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view. California: Standford University Press, 1958.
- _____. **Steps to an ecology of mind**. [1972]. Chicago and London: University of Chicago Press, 2000.
- _____. **Mind and Nature**: A Necessary Unity. New York: Dulton, 1979.
- _____. [1991]. **Una unidad sagrada**: pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente. Barcelona: Gedisa, 2006.
- BATESON, Gregory; BATESON, Mary. [1987]. **El temor de los ángeles** – epistemología de lo sagrado. Barcelona: Gedisa, 1994.
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: _____. **A modernidade de Baudelaire**. Org. e apres. Teixeira Coelho. Trad. Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BILIATTO, Carusa. **A morte e seu duplo** – micropolítica das emoções no II Festival Woodgothic. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/28125/R%20-%20D%20-%20CARUSA%20GABRIELA%20DUTRA%20BILIATTO.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. [1980]. **O senso prático**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. [1987]. **Coisas ditas**. Trad. Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. [1989]. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- _____. [1994]. **Razões práticas** – sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. 11 ed. Campinas: Papirus, 2011.
- CERTEAU, Michel de. [1980]. **A invenção do cotidiano – 1**: As artes de fazer. Trad. Ephraim F. Alves. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa/ Rio de Janeiro: DIFEL / Bertrand Brasil, 1990.
- _____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- ECO, Umberto. **História da Feiura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. [1971]. **O homem nu**. (Mitológicas v. 4). Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- _____. [1962]. **O pensamento selvagem**. Trad. Tânia Pellegrini. São Paulo: Papirus, 1989.
- NOVALIS. [1798]. **Pólen**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.
- SIMMEL, Georg. A ruína. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Ed. da UnB, 2005.
- _____. **Sobre la aventura**. Ensayos filosóficos. Trad. Gustau Muñoz e Salvador Mas. Barcelona: Península, 1998.

VANDENBERGHE, Frédéric. **Teoria social realista** – um diálogo franco-britânico. Trad. Gabriel Peters, Estela Abreu e Ana Liési Thurler. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2010.

Recebido em 10/02/2014

Aprovado em 25/03/2014